

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

Título

Ensaio, romantismo e modernidade na literatura de Gilberto Freyre

Autor

Bruno César Cursini

Ano de publicação

2020

Referência

CURSINI, Bruno César. Ensaio, romantismo e modernidade na literatura de Gilberto Freyre. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, 2020.

ENSAIO, ROMANTISMO E MODERNIDADE NA LITERATURA DE GILBERTO FREYRE

ESSAY, ROMANTICISM AND MODERNITY IN THE LITERATURE OF GILBERTO FREYRE

Bruno Cesar Cursini*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar de que forma o modo de discurso ensaístico se articula na prosa de ficção de Gilberto Freyre, mais especificamente nas seminovelas *Dona Sinhá e o filho padre* e *O outro amor do Dr. Paulo*. Tentamos identificar as temáticas centrais deste discurso e suas estratégias de convencimento, o que leva nossa reflexão rumo às problemáticas da cidade, da modernidade e de sua representação nas seminovelas de Freyre. A partir daí, tentamos buscar conexões entre o pensamento de Gilberto Freyre e a imaginação romântica de José de Alencar, identificando um nexo em como os dois autores lidavam com a espinhosa questão da escravidão face os adventos da modernidade, a despeito do hiato cronológico que os separa.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Ensaio; Modernidade; Romantismo.

Abstract: The goal of this paper is to analyze the ways the essayistic way of discourse structures itself in Gilberto Freyre's fiction prose, specifically in the seminovels *Mother and son: a Brazilian tale* and *The other love of Doctor Paulo*. We try to identify the main subjects of this discourse and its strategies of persuasion, what leads our reflection towards the many problems posed by the city and by modernity, and the problems of both's representation in Freyre's seminovels. From that onward, we try to search the connections between Freyre's tough and José de Alencar's romantic imagination, identifying a link in the way these two authors deal with the complex and delicate question of slavery confronted with modernity's advents, despite the time hiatus that separates them both.

Keywords: Gilberto Freyre; Essay; Modernity; Romanticism.

* Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e graduado em História (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Membro do grupo de pesquisa Historiar (UNESP-CNPq). Contato: bcursini@usp.br

Introdução

Quando publicou *Casa-grande & senzala* e suas continuações, Gilberto Freyre privilegiou como método de exposição para suas ideias a escrita ensaística. Leenhardt afirma que

a obra inteira de Gilberto Freyre pode ser apresentada como um ensaio, no sentido retórico da palavra, quer dizer, como um intento de convencer, o qual põe em jogo para esse propósito um narrador, o mesmo Gilberto Freyre, e um leitor, convidado a deixar-se convencer pela descrição, a deixar-se apaixonar pela aventura do real, a ele narrada em modo romanesco, a deixar-se maravilhar pela sutileza do espírito de quem generosamente lhe oferece um triplo exercício do intelecto, da sensibilidade e da imaginação. (2006, p. 190)

Embora as origens do ensaio sejam questão controversa, muitos autores são unânimes em indicar Michel de Montaigne, e seus *Essais*, como o momento alto do gênero – ao menos na França.¹ Starobinski observa, na verdade, uma aproximação entre o que Montaigne escreveu e o autobiografismo – uma forma de escrita a qual Freyre se dedicou avidamente, e que, assim como ensaísmo, impregna boa parte de sua obra:

Não faltam declarações em que Montaigne confere papel primordial ao estudo de si, à autocompreensão, como se o “proveito” buscado pela consciência fosse o de produzir clareza sobre si, para si. Na história das mentalidades, a inovação é tão importante que se convencionou saudar nos Ensaios o advento da pintura de si, pelo menos em língua vulgar. (Montaigne fora precedido pelos autobiógrafos religiosos e por Petrarca, mas em latim.) Viu-se aí seu mérito principal, sua novidade mais impressionante. Mas vale observar que Montaigne não nos oferece nem um diário íntimo, nem uma autobiografia. Ele se pinta olhando-se ao espelho, certamente; mas, com frequência ainda maior, ele se define indiretamente, como que se esquecendo de si – exprimindo sua opinião: ele se pinta com pinceladas esparsas, a partir de questões de interesse

¹ Bacon é considerado o precursor do gênero entre os ingleses, enquanto na Alemanha temos Lessing, Möser e Herder (STAROBINSKI, 2011).

geral: a presunção, a vaidade, o arrependimento, a experiência. (STAROBINSKI, 2011, p. 19)

Freyre enxergou no ensaio uma ferramenta que lhe permitiria “ultrapassar [a] dicotomia entre o poético e o científico, entre o subjetivo e o racional, entre, enfim, a visão e o conhecimento” (NICOLAZZI, 2010, p. 375). Como o ensaio se coloca, portanto, nesta zona fronteira entre ciência e poesia, e como já vinha sendo utilizado como forma de expressão por Freyre desde os anos 1930, é natural que seja possível buscá-lo na prosa ficcional de Freyre nos anos 1960-1970, que é também autobiográfica. Logo no início de *Dona Sinhá e o filho padre*, o narrador-personagem se vê num debate com sua “voz interior”, que lhe indaga

o que é que você está mesmo pretendendo escrever? Romance? Crônica histórica? Ensaio com alguma coisa de ensaio desses espanhóis, por você tão admirados e que desde Cervantes, mesmo quando escrevem novelas para o grande público, escrevem, dentro delas, ensaios para um público menor porém para eles, autores, melhor? (FREYRE, 1964, p. 24)

E, ainda mais adiante, volta a se questionar se o que estava escrevendo era de fato “ensaio ou romance? Dissertação ou novela?” (FREYRE, 1964, p. 41). Talvez o próprio afã classificatório deste narrador-personagem seja uma brincadeira ou troça com o leitor, que sempre se verá frustrado caso queira enquadrar o livro que tem nas mãos numa ou noutra categoria. O próprio termo ensaio teria – tal qual o termo “romance” – uma “indefinição inerente [que] lhe permite vestir, de acordo com o contexto, roupagens as mais variadas possíveis” (NICOLAZZI, 2010, p. 401). Nicolazzi chega às seguintes conclusões acerca do ensaio: em primeiro lugar, uma análise de autores do século XIX o leva a constatar que o ensaio era tido, desde suas origens, como um híbrido entre a história e a literatura. A análise de autores de épocas posteriores, por sua vez, demonstra que o ensaio passou a ser considerado como espaço privilegiado de articulação interdisciplinar. Por fim, ele assinala

que o ensaio se estabelece ao longo do século XIX como um argumento sobre o real, e, portanto, nele há a presença ostensiva do autor (NICOLAZZI, 2010).

Para Lukács, em raciocínio posteriormente revistado por Adorno, o ensaio trata sempre de ordenar de forma nova velhos objetos já culturalmente formados (LUKÁCS, 2015). Segundo Adorno, o ensaio é uma busca pela eternização do transitório, no qual o conceito tradicional de método é suspenso. O ensaio renunciaria à certeza, construindo o conhecimento de forma intuitiva; apropriando-se dos conceitos como um autodidata em terra estrangeira se apropria dos sentidos do vocabulário, vocabulário que se vê forçado a aprender sem nenhuma instrução sistematizada. Esta característica, segundo Adorno, traz consigo a vantagem de evitar o reducionismo das definições estritas, mas também cria uma margem maior para o surgimento do erro. Isto, porém, não é tão problemático, já que o ensaio “não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fossem tesouros enterrados” (ADORNO, 2003, p. 30). O ensaio é a forma crítica por excelência, e, como tal, tem como característica a necessidade de, a todo instante, refletir sobre si mesmo. Max Bense de fato afirma que

o ensaio nasce da essência crítica de nosso espírito; seu prazer em experimentar deriva simplesmente de uma necessidade do seu modo de ser, do seu método. Para dizê-lo de forma mais ampla: o ensaio é a forma da categoria crítica do nosso espírito. Pois quem critica deve também, e necessariamente, conduzir um experimento, deve criar condições sob as quais um objeto se mostra a uma nova luz, deve testar a força ou a fragilidade do objeto – e é por isso que o crítico submete seus objetos a ínfimas variações. (1952, on-line, n.p.)

Quando publicou sua ficção em prosa, já na segunda metade de sua vida, Freyre acaba embutindo nestes textos o modo de discurso ensaístico, tornando-os objetos privilegiados para a análise de como este modo de

discurso e a literatura se articulam, e qual o resultado. Nossas fontes são, portanto, suas duas seminovelas: *Dona Sinhá e o filho padre* (1964) e *O outro amor do Dr. Paulo* (1977).² Um livro é continuação do outro, e em ambos encontramos o personagem Paulo Tavares, médico pernambucano formado na Europa. Na primeira seminovela, Paulo divide o protagonismo com várias outras figuras – notavelmente seu amigo aspirante a padre, José Maria. Na segunda, com José Maria morto, Paulo e sua subsequente vida em Paris, com diversos outros brasileiros exilados, passa a ser o foco da narrativa. Ambas as histórias são contadas por um narrador-personagem que se confunde, em diversos momentos, com a figura do autor, Gilberto Freyre. Nossa investigação estabeleceu que estes textos, mais do que simples ficções, são também ferramentas com as quais o autor busca persuadir seus leitores através da argumentação. Buscamos identificar os eixos centrais que pautam esta argumentação e, a partir disso, lançar novas perspectivas sobre a produção intelectual de Freyre em sua maturidade. Jessé de Souza chegou a afirmar que a obra madura de Freyre seria uma caricatura de seus trabalhos de juventude (SOUZA, 2000). Não queremos, com este artigo, refutar inteiramente tal afirmação, mas entendemos que os textos ficcionais são uma singularidade no *corpus* freyreano, abrindo possibilidades inusitadas de análise na investigação histórica. Neste artigo, especificamente, sondamos alguns paralelismos entre partes das obras de Freyre e do ensaísta Walter Benjamin no que toca a investigação, pelos dois autores, das cidades e seus diversos espaços. Já o fato de Freyre recorrer ao romance como saída de escrita denuncia sua fé no gênero; em sua visão, ao mesclá-lo ao ensaio, produzia-se algo novo na literatura. Por isso, nosso trabalho também remete a seus pontos de contato com a imaginação romântica brasileira, à qual Freyre recorreu, a partir da década de 1950, para dar resposta às conclusões do projeto UNESCO, que punham em cheque ideias como democracia étnica e

² É interessante notar que, diferentemente da primeira, a segunda seminovela não contou com tradução para língua inglesa.

um tratamento mais “humano” que sempre teria sido dispensado aos escravos no Brasil. Tais ideias ecoam algumas opiniões das quais era adepto José de Alencar, cerca de um século antes.

Cidade e modernidade como temáticas centrais das seminovelas

O ensaio oferecia a Freyre as condições para criar uma literatura híbrida, na qual estivessem assentados de forma harmônica os *topos* – muitas vezes tidos como antagônicos por nosso pensamento social - da ciência e da arte. As seminovelas são ensaios que permitem a Freyre uma representação livre e autoral de diversos episódios do passado brasileiro, assim como a construção de autênticas hipóteses sociológicas para explicar tais acontecimentos. Tais hipóteses seriam fundamentadas nos objetos culturais já explorados e ordenados por Freyre em outros ensaios de seu *corpus*. O escopo da análise das seminovelas – quando tomadas como ensaios – parece indicar que seu objeto central seria o advento da modernidade no Brasil, assim como os correlatos processos de urbanização e de gradativa cosmopolitização de grandes centros, em especial o Recife. Este processo criava um inevitável contraste entre nossas metrópoles periféricas e as grandes capitais mundiais do ocidente. Se observarmos a lista das publicações de Gilberto Freyre no período que vai de 1959 – ano de publicação de *Ordem e progresso* – até 1977 – ano da publicação de *O outro amor*, encontramos títulos como *O luso e o trópico* (1961); *Arte, ciência e trópico*; *Homem, cultura e trópico* (ambos de 1962), *Além do apenas moderno* (1973) e também *O brasileiro entre outros hispanos* (1975). Embora existam muitos outros títulos de um autor tão prolífico num período tão abrangente, acreditamos que a temática destes se relaciona diretamente com muito do que Freyre tentou articular em seus romances e, se, como ensaísta, ele mirava em estratégias de convencimento do público leitor e de defesa de seus pontos de vista mais polêmicos e contundentes, acreditamos que a seleção de títulos demonstre que tais pontos de vista giravam em torno: da influência do meio tropical sobre as

sociedades e os indivíduos; da modernidade nas ditas sociedades tropicais e do peso do legado ibérico na construção da identidade destes grupos. Freyre foi leitor assíduo dos ensaístas espanhóis, dos quais incorporou diversas ideias, adaptando-as ao seu pensamento e ao contexto brasileiro. Em *Come e porquê sou escritor* (1968), Freyre reivindica enfaticamente seu pertencimento a uma tradição literária e intelectual ibérica, e em *Tempo morto e outros tempos* (1975) abundam relatos do entusiasmo do Jovem Freyre com uma série de autores – ensaístas – desta mesma tradição. De Ortega Y Gasset, por exemplo, ele recebeu a sugestão de que os povos ibéricos e mediterrâneos teriam raízes diversas das do restante da Europa – germânicas, latinas ou anglo-saxônicas – o que afastaria sua formação do racionalismo burguês. Outro nome seria Ganivet. Para Rugai Bastos,

vários desses intelectuais [espanhóis], marcados por um romantismo tardio, veem a cidade como algo intocável porque ela retinha um passado de Glórias. Tanto Ganivet como Freyre pagam tributo a essas posições. No entanto, é possível vê-los como autores intermediários entre aquelas ideias e uma tradição laudatória da cidade moderna: suas denúncias vão na direção de preservar a cidade como um *locus* ou espaço privilegiado do espírito e da cultura, sentindo que as reformas modernizantes estariam ameaçando. Um tradicionalismo humanista secularizador. Certo sentido das ideias românticas prevalece quando identificam a cidade antiga como lugar de defesa da *cultura moral* e espaço do exercício das *virtudes sociais*. É constante na obra freyreana a invocação da tese: no passado existia uma unidade harmônica que é rompida pela modernização – da cidade, da casa, das relações sociais. (2003, p. 62)

Mas Freyre não se limitou a pensar a cidade “como algo intocável”. Como intelectual engajado em atividades políticas que foi, ele também teve a oportunidade de intervir diretamente no espaço urbano. Em 1937, ele integrou os quadros do Sphan – Serviço do patrimônio histórico e artístico nacional –, exercendo poder decisório sobre o tombamento do patrimônio arquitetônico brasileiro, mas atuando especialmente em seu estado,

Pernambuco. Nesta função, envolveu-se diretamente no tombamento compulsório do seminário de Olinda – feito à revelia da vontade do então arcebispo (MESQUITA, 2018). Também nesse ano, Freyre publica *Mucambos do nordeste*. O livro – assim como *Sobrados e mucambos* pode até certa medida ser entendido – era uma tentativa de defender o tipo de habitação que Freyre considerava a tradicional do Nordeste, e a mais apropriada aquele meio, dos projetos de urbanização do interventor Agamenon Magalhães (MESQUITA, 2018). Podemos perceber, portanto, que Freyre teve ascendência direta sobre a paisagem urbana que, posteriormente, retraria em seus romances (o Seminário de Olinda, por exemplo, desempenha um papel chave em *Dona Sinhá*). Já em 1942, lança seu *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, e, logo no primeiro capítulo, toma partido de sua cidade contra os preceitos mais ortodoxos de “urbanidade” do visitante europeu Charles Darwin.

É verdade que o sábio deixou o Recife queixando-se não só da imundície das ruas e do sombrio das casas como da falta de “urbanidade” dos habitantes. Em duas casas, os moradores recusaram-lhe a passagem pelo fundo dos quintais. Mas é possível que o naturalista inglês, feio como era, tivesse feito medo às mulheres e crianças, horrorizadas talvez com as barbas e o cabelo grande do estrangeiro, num tempo em que por toda a província era ainda enorme o pavor do *Cabeleira*. (FREYRE, 1942, p. 20)

De acordo com o texto, a feiura de Darwin, não a ignorância do recifense, explicariam a má impressão que o estrangeiro teve da cidade. A defesa inflamada do Recife culmina na zombaria ao visitante. Subjaz aí a defesa da superioridade da civilização tropical, à qual remeteremos adiante. O ponto é que, para Freyre, o Recife representava algo além de sua terra natal, sobre a qual ele lançava um olhar romântico: era também o marco fundador do Nordeste, naquilo que o diferenciava, como região, das outras partes do país. Segundo Albuquerque Jr., Freyre estabelece que a colonização holandesa de Pernambuco seria o diferencial que estabelece,

historicamente, o Nordeste (ALBUQUERQUE JR, 1999). Como epicentro desta colonização diferenciada, o Recife teria se tornado um “burgo por algum tempo judaico-holandês e não apenas ibero-católico” (FREYRE, 2000, p. 21). A singularidade da experiência colonial holandesa já havia sido indicada em *Sobrados e mucambos*.

O “tempo dos framengo” deixara no brasileiro do Norte, principalmente naquele colono [...] que não era senhor nem escravo, mas o primeiro esboço de povo e de burguesia miúda que houve entre nós, o sabor, o gosto físico, a experiência de alguma coisa de diferente, a contrastar com a monotonia tristonha de vida de trabalho à sombra das casas-grandes; o gosto da vida da cidade, da cidade com vida própria; independente dos grandes proprietários de terras. (FREYRE, 2004, p. 108)

Esta relação com a cidade é um outro ponto que faz com a ficção freyreana se afaste do “romance de trinta”. Segundo Albuquerque Jr., o romance regionalista de trinta cultiva, em geral, simplesmente uma visão negativa da cidade.

Se o regionalismo anterior olhava para o campo a partir das cidades e o desdenhava, este novo regionalismo do ‘romance de trinta’ olha para as cidades a partir do campo, e vê nelas o símbolo da perdição. O Nordeste como o lugar da tradição é sempre tematizado como uma região rural, onde as cidades aparecem como símbolos da decadência, do pecado, do desvirtuamento da pureza e da inocência camponesas. (ALBUQUERQUE JR, 1999, p. 115)

Evidente que não podemos perder de vista que os romancistas de que fala Albuquerque remetem, em seus livros, a um Brasil do Século XX, em fase de industrialização, aonde os engenhos estão sendo substituídos por usinas e os coronéis estão sendo engolidos pelos grandes capitalistas. Ao abordar, porém, o advento da modernidade no país, os romances freyreanos são bastante diferentes dos outros seus conterrâneos, primeiramente por olharem para o século XIX muito mais do que para o XX, em segundo lugar, por

estabelecerem o espaço urbano como um dos grandes temas da narrativa, não necessariamente – ou não apenas – como um antagonista. Alves Cristovão já havia observado que as seminovelas não são “de modo algum epígono do ‘romance nordestino de 30’, apesar [de Freyre] ter sido o grande animador desse surto renovador da ficção brasileira” (1984, p. 197). Referindo-se a *O outro amor*, também Cesar Leal acha

interessante observar que ainda que Gilberto Freyre haja influenciado toda uma geração de escritores regionalistas, esse experimento – pois não há dúvida de que esse livro se coloca dentro da literatura experimental – tem como ponto de apoio a grande cidade. No caso, é Paris, o tempo é o fim do século XIX, mas há durante o decorrer da narrativa uma atmosfera de algo não medido pela clepsidra, o relógio de sol, o relógio mecânico ou digital (LEAL, 2003, p. 58).

Para Rugai Batos, a cidade é, nas seminovelas, personagem e marcadora do tempo. A autora aponta o grande interesse de Freyre pelo espaço Urbano desde sua juventude e afirma que um elemento constantemente presente em sua obra seria

a busca do passado das cidades, expressos na arquitetura, no traçado, na concepção. Ou ainda, um ponto que será constante em suas análises futuras: o lugar da tradição, que será central na edificação de sua obra. O interesse presente no jovem se alonga no escritor maduro, interesse ressignificado pelo tempo e lugar. (RUGAI BASTOS, 2012, p. 136)

Em muitas narrativas o espaço urbano é privilegiado, como se investigá-lo e descrevê-lo fosse algo fundamental para compreender a modernidade que surge e se autonomiza em centros como Londres, metrópoles da América do Norte e, sobretudo, Paris. Willi Bole afirma que Walter Benjamin buscou, em seus ensaios, produzir montagens surrealistas das cidades de seu tempo. Segundo Bole

a fisionomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da Modernidade. Observa-se, nos séculos XIX e XX, o choque entre, de um lado, os ideais da “modernização” e do “progresso” e, de outro, o atraso e a barbárie reais: com relação à população mundial, aumentariam a pobreza e a miséria, graves problemas econômicos continuam sem solução, os valores do humanismo entram em descrédito, e em toda parte observa-se uma decadência da ética política e um aumento da violência e da destruição. O conceito de metrópole (“cidade-mãe”), uma categoria histórica que ressurgiu na época do imperialismo oitocentista com as cidades de Londres e Paris [...], revela-se, juntamente com sua contraparte, a “periferia”, um instrumento útil de reflexão sobre as relações entre países altamente desenvolvidos (hegemônicos) e atrasados (dependentes) (BOLE, 1994, p. 18).

Bole traça uma analogia entre Benjamin e Mário de Andrade, buscando uma leitura deste último autor que seja reveladora da

auto-imagem da metrópole brasileira [no caso, a cidade de São Paulo], situada na periferia do mercado mundial [uma auto-imagem que] fundamenta-se, como mostra Mário, tanto no controle sobre as terras mais remotas do próprio país, quanto na dependência em relação às metrópoles de verdade (BOLE, 1994, p. 34).

Se é possível, entretanto, como Bole assim o faz, entender o Macunaíma de Andrade como uma criatura frustrada e complexada com sua condição periférica, que tenta, em vão, escapar para a Europa, num navio surgido de uma “fonte no asfalto”, também entendemos que é possível uma analogia entre Benjamin e Freyre. Em primeiro lugar se as representações de Benjamin podem ser entendidas como surrealistas, Freyre já declarara em alguns de seus textos – *Nordeste*, por exemplo – sua afinidade com o impressionismo. Freyre era ilustrador e caricaturista, tendo aprendido a desenhar antes mesmo de ser alfabetizado; assim, o uso de recursos gráficos em suas narrativas é algo que se espera encontrar. E, nas seminovelas, uma de suas preocupações é a montagem de sucessivos cenários urbanos, tendo como base na realidade, primeiramente, o Recife. Em seguida, Paris. E, a partir de Paris, uma série de

outras metrópoles – sobretudo Londres, mas também cidades da Alemanha, Espanha, Suíça, Grécia, Portugal, Itália – assim como capitais regionais Brasileiras. Os capítulos 31 a 33 de *O Outro Amor*, a pretexto de narrar a extensa viagem de lua de mel de Paulo e Maria Emília Brasil a dentro, visita as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belém, além de rever Recife. É nesta cidade que Maria Emília – uma personagem pintora, o que reforçaria as pretensões impressionistas do autor – realiza uma extensa reflexão, que vale a pena ser citada por completo, já que ilustra diversos dos pontos que procuramos demonstrar neste artigo.

O rio atraiu a melhor atenção de Maria Emília. Em suas viagens pela Europa ela confessara a Paulo ter se dado a esquisitice de colecionar belezas de rios ligados a velhas cidades a que, cada um deles, rios, dava um caráter ou marcava com uma originalidade de forma ou de cor. O Sena e o Tâmisia, por exemplo, confrontados, eram dois rios tão diferentes como Paris e Londres. Talvez fossem as cidades que dessem características próprias aos seus rios. Talvez fossem os rios que influíssem como uma espécie de narizes de Cleópatra sobre as fisionomias das cidades.

No Recife, o Capibaribe podia ser considerado um reflexo, em suas águas, da sua cidade: cidade meio mulher. Mas a cidade podia ser considerada, por sua vez, uma projeção feminina de um rio que viril e suavemente a amava: como um homem a uma mulher. Maria Emília logo ao seu primeiro contacto com o Recife disse a Paulo que nunca se sentira tão frustrada, na sua condição de ex-pintora, do que diante do que lhe pareceu a beleza única do Recife animado pelo seu rio. Sem dúvida, faltava ao Recife a grandiosidade de baías como a que prestigiava o Rio de Janeiro ou caracterizava Salvador, fazendo-as rivais de Nápoles. Faltavam-lhe encantos que dessem logo na vista. Mas o Recife não tardava a conquistar o adventício pelo que nele era uma espécie de idílio de um rio com uma cidade, o rio penetrando a cidade, a cidade deixando-se penetrar não por um rio qualquer mas por um rio amorosamente, particularmente, liricamente seu. Vindo do remoto interior para, antes de se entregar ao mar, unir-se ao Recife até o rio e cidade formarem um só conjunto (FREYRE, 1977, p. 208).

Temos a indicação de uma intencionalidade do texto em ser fisionomista de cidades no primeiro parágrafo citado. No segundo, as sucessivas personificações e a evocação da arte da pintura reforçam a perspectiva impressionista da descrição. O mais importante, porém, nos parece a colocação das grandes cidades do trópico como rivais de Nápoles, uma “metrópole de verdade”. Tudo quanto se desenvolve no trópico é passível de comparar -se com - ou mesmo suplantar - seus equivalentes dos centros capitalistas: a religião, na qual o trópico produzia padres “mais verdadeiramente humanos na compreensão de certos pecados e no seu modo de orientar pecadores”(FREYRE, 1977, p. 28), na medicina, aonde “algumas drogas de curandeiros africanos, dos que, no Brasil da época, chegaram a competir em prestígio junto a doentes de importância social com doutores de formação requintadamente europeia”(FREYRE, 1977, p. 29), e a própria rua do Ouvidor, que já seria, no Rio de Janeiro da época, “quase uma rua parisiense para quem pudesse vir com frequência das casas-grandes do interior à Corte do Império”(FREYRE, 1977, p. 29). De acordo com Albuquerque Jr (1999, p. 94), a sociologia de Freyre seria

um esforço de pensar nossa diferença em relação ao processo civilizatório do Ocidente, buscando nos dados ‘autenticamente regionais, tradicionais e tropicais’ os nossos processos singularizadores e, ao mesmo tempo, integradores de uma nova civilização que surgia à revelia da decadente civilização europeia. Freyre opõe o trópico à Europa e busca internamente ao país aqueles processos sociais e aquele espaço que prenunciam esse processo de singularização.

Por isto é que, nas páginas de *O outro amor*, fervilham comparações entre cidades do velho mundo e outras Brasileiras, que teriam as mesmas qualidades e o mesmo valor humano. Parati se torna assim “uma espécie de Lucerna brasileira” (FREYRE, 1977, p. 82); Zurique “[...] uma colmeia onde todos trabalhavam e produziam e alguns juntavam dinheiro. Uma cidade de bancos e de fábricas. Progressista como nenhuma o era mais, naqueles dias, em toda

a Europa" (FREYRE, 1977, p. 83). Tinha sua correspondente em São Paulo, que, na opinião da Baronesa de Três Barras, futura sogra de Paulo, "parecia estar se tornando uma Zurique brasileira. Uma Zurique muito em começo (FREYRE, 1987, p. 83). O motivo de uma civilização tropical como rival ou alternativa à que se desenvolvia no centro do mundo carbonífero-industrial é um dos mais recorrentes na segunda seminovela e, por conseguinte, essencial para a compreensão do pensamento tardio de Gilberto Freyre.

O segundo ponto de comparação é que é no espaço urbano que Benjamin vê grandes possibilidades de investigação, as mesmas que irão inquietar o próprio Freyre, com sua técnica de "detetive" ou de "bisbilhoteiro de intimidades" (FREYRE, 1964, p. 7-8).

O interior não é apenas o universo do homem privado, mas também o seu estajo. Habitar significa deixar rastros. No interior, eles são acentuados. Colchas, cobertores, fronhas e estojos em que os objetos de uso cotidiano imprimam sua marca são imaginados em grande quantidade. Também os rastros do morador ficam impressos no interior. Daí nasce a história de detetive, que persegue esses rastros (BENJAMIN, 1985, p. 38).

A premissa de Freyre de adotar a habitação, a casa, como pedra angular em sua empreitada de interpretação da sociedade, é conhecida, e dá-se a revelar já nos títulos dos seus dois primeiros grandes livros: *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*. Em *Dona sinhá*, é através de sua introdução no ambiente doméstico da protagonista que o narrador-personagem começa a tirar conclusões sobre o passado e os modos de vida da família da qual ele irá, doravante, ocupar-se na narrativa. Este ambiente é, por sua vez, parte integrante da cidade, e a ele se chega através desta. A casa fica no Largo de São José do Ribamar, no bairro do São José, um recanto que o narrador-personagem coloca como um dos seus prediletos no Recife: "não é no Recife só um espaço à parte dos outros: é também um tempo diferente" (FREYRE, 1964, p. 4). Ao fim e ao cabo, o que se passa no início da aventura é que

do conjunto todo, formado pela casa, pelos móveis e, agora, pela iaiá antiga que me aparecia com alguma coisa de docemente familiar no porte, na figura, na voz, veio-me uma estranha impressão de "d'jà vu". Comecei logo a dizer para mim mesmo: 'São José não falha: continua a ter a coragem de ser não só um espaço como um tempo à parte dos outros espaços e dos outros tempos recifenses.'" Recifenses, só, não: brasileiros. Isto mesmo: brasileiros (FREYRE, 1964, p. 6).

Recife não é apenas a capital de Pernambuco, é um dos polos de urbanização mais antigos do país, rival de São Paulo e do Rio de Janeiro no pioneirismo modernizador e na irradiação de cultura e de valores. A cidade aparece de fato, portanto, como fator a diferenciar a ficção de Freyre da daqueles autores que ele mesmo incentivou e aos quais forneceu combustível sob a forma de interpretações sociológicas e a transmissão de atualidades do mundo desenvolvido. Mas veremos a seguir que o que Freyre expressa pela metrópole moderna não é exatamente apreço. Pelo contrário, sua visão corre paralelamente à de José de Alencar, que no século XIX condenava a modernidade e seus valores.

O diálogo Alencar-Freyre

Dentre os autores românticos, José de Alencar era para Freyre uma grande referência na habilidade de descrever paisagens tropicais e na profusão com que o fez em sua obra. Neste ponto, ele contrastaria com Machado de Assis, em cujos textos as paisagens estão praticamente ausentes.

Alencar, todos sabem que sobressai, na literatura brasileira, como paisagista e, em certo sentido, como ruralista que chegasse a ter alguma coisa de um Thoreau em seu individualismo romântico. São suas páginas de paisagista as que esplendem nas antologias. São elas que, aprendidas de cor pelo brasileiro, na meninice de colégio antigo, cantam aos ouvidos dos velhos com uma riqueza de sons que o tempo não consegue destruir (FREYRE, 1955, p. 11).

Percebemos a figura de Alencar pairando sobre a escrita e os métodos de Freyre: suas montagens “impressionistas” de paisagens urbanas podem ser uma tentativa de “urbanismo” a se contrapor ao ruralismo alencariano. Também é plausível a sugestão de que o paisagismo romântico de Alencar tenha servido na formulação, por parte de Freyre, do conceito de “paisagem social”, que desempenhará papel muito importante em sua obra. De acordo com Leenhardt, Freyre prefere

ao objetivismo sociológico a noção de paisagem, na qual as qualidades e os valores têm um espaço, qualidades aquelas que participam da construção das entidades ecológicas, naturais e humanas. A paisagem deixa de facto de ser um conceito geral, naturalista, para tornar-se o conceito de um conjunto limitado, ecológico, sistema de inter-relações entre dinâmica natural e a práxis humana. A paisagem é o resultado dessas dinâmicas e, por consequência, ela deve ser entendida como um conceito propriamente sociológico (2006, p. 199-200).

Assim, a paisagem social é algo que abarca tanto o campo como a cidade. No que diz respeito especificamente ao espaço urbano, é certamente em *Sobrados e mucambos* que Freyre realiza seu mais abrangente e bem-sucedido esforço no sentido de desvelar a paisagem social das cidades Brasileiras do século XIX. Através de relatos de viajantes e anúncios de jornais, Freyre reconstrói palacetes, casas térreas da classe média e mocambos de palha – todos inseridos numa complexa teia de inter-relações criada pela proximidade física. Também não devemos esquecer que, embora “o melhor óleo da eloquência de Alencar não se derramasse sobre móveis, porcelanas e tapetes, mas sobre árvores, águas, matas e relvas” (FREYRE, 1955, p. 11), diversos de seus romances ou outros textos, tais como *A viúvinha*, *Senhora*, *O demônio familiar*, entre outros, são de ambientação urbana. *Cinco minutos* é uma reflexão sobre a cidade e as diversas transformações que a vida urbana opera nos indivíduos. A passagem do tempo, que nas seminovelas se associa tão estreitamente à cidade, é motivo de reflexão já no

início da narrativa de Alencar: o protagonista perde o ônibus devido à sua falta de pontualidade - pontualidade que seria um “mau costume dos ingleses” (ALENCAR, 1975, p. 7). O brasileiro de Alencar é um entusiasta da liberdade e não pode “admitir de modo algum que um homem se escravize ao seu relógio e regule as suas ações pelo movimento de uma pequena agulha de aço ou pelas oscilações de uma pêndula” (ALENCAR, 1975, p. 7). A reflexão sobre a cidade se aprofunda, na medida em que a aventura amorosa do herói – só possível em virtude de seu pequeno atraso - gira em torno do anonimato da mulher com quem ele trava contato num ônibus às escuras. Este anonimato, sustentado ainda por muitos dias em que o herói procura sua misteriosa companheira de trajeto, só é possível no ambiente novo da cidade, aonde todos os gatos são pardos. A reflexão sobre a pontualidade retorna no final do romance, quando o protagonista, vivendo seu “feliz para sempre” pondera que

se tivesse sido pontual como um inglês, não teria tido uma paixão nem feito uma viagem; mas ainda hoje estaria perdendo o meu tempo a passear pela rua do Ouvidor e a ouvir falar de política e de teatro.

Isto prova que a pontualidade é uma excelente virtude para uma máquina, mas um grave defeito para um homem. (ALENCAR, 1975, p. 44)

Em *O tronco do ipê*, fica bastante explícita a influência corruptora da cidade grande em seu contraste com os efeitos benfazejos da vida bucólica no campo nativo. É um tema que surge de diversas maneiras no decurso da narrativa, mas que tem seu ápice no capítulo 12 do livro II, no qual o herói, Mário, após regressar de uma estadia de vários anos no Rio e em Paris, passa por uma autêntica ressurreição moral, reencontrando-se com seu passado e voltando a se inquietar com a misteriosa morte do pai. Em *O outro amor do Dr. Paulo*, Paris e a modernidade por ela representada também surgem como grandes antagonistas de valores coloniais e patriarcais que são, por sua vez, enaltecidos como os melhores, os “legitimamente brasileiros” e que, mesmo

no seio da capital Francesa, conseguem se sobressair, cercados como estão. Mas é em *José de Alencar, renovador das letras e crítico social*³ que Freyre faz a significativa observação na qual atribui a Alencar uma forte ascendência sobre a matriz de seu próprio pensamento:

Ao escrever, ainda adolescente, em língua inglesa, a tese universitária sobre a sociedade patriarcal brasileira no meado do século XIX em que procurei sugerir que o escravo no Brasil de então era tratado melhor pelo senhor rural que o operário de fábrica na Europa da mesma época, creio ter, inconscientemente, seguido sugestões de um Alencar lido com entusiasmo e até fervor na meninice (FREYRE, 1978, p. 818).

Provavelmente o que Freyre tinha em mente ao escrever desta maneira eram trechos de *O tronco do ipê* como aquele em que o Barão da Espera “honra com sua presença” o batuque dos escravos:

Eu queria [...] que os filantropos ingleses assistissem a este espetáculo para terem o desmentido formal de suas declamações, e verem que o proletário de Londres não tem os cômodos gozos do nosso escravo.

- É exato, disse Mário. A miséria das classes pobres da Europa é tal, que em comparação com elas o escravo do Brasil deve considerar-se abastado. Mas isso não justifica o tráfico, o mercado da carne humana (SÊNIO, 1871, p. 126).

Dayana Façanha nos recorda que a ideia de que o escravo negro no Brasil era mais bem tratado que noutras partes da América é parte de um complexo de pensamento antigo, profundamente enraizado na mentalidade geral, o qual Alencar ecoava. Façanha indica que Alencar se opunha à intervenção do estado na questão da alforria, idealizando uma emancipação filantrópica, levada a cabo pela generosidade espontânea dos senhores (FAÇANHA, 2014). Basicamente, de acordo com o que afirma Leonardo Pereira, os laços de subordinação deveriam ser mantidos. Era neles que estava

³ Prefácio escrito por Freyre para *O tronco do ipê*.

alicerçada nossa pretensa "singularidade tropical", e Alencar temia que a quebra destes laços de obediência condenasse o Brasil (PEREIRA, 2009). Freyre é um herdeiro desta mentalidade, e desde o início de sua obra insiste nestas ideias. Ilustrativo disto é o trecho que selecionamos nas notas ao capítulo V de *Sobrados e mucambos*. Ao examinar o testamento de um casal morador de sobrado no Recife de 1787, Freyre nota que

Além dos mencionados quatro escravos vaqueiros, possuíam mais dez outros, entre homens e mulheres, a oito dos quais, mandavam os seus testamenteiros que depois do falecimento deles testadores, passassem "suas cartas de liberdade e os deixassem ir em paz para onde muito bem quisessem." Como se vê, já um século antes da lei de 13 de maio havia abolicionistas em Pernambuco (FREYRE, 2004, p. 377).

Embora soe como um disparate, a afirmação acima não traduz um pensamento que seja exclusividade de Freyre, ou que tenha sido inaugurado por ele, mas que ele herdou de uma geração inteira de meados e finais do século XIX. Até os anos 1940, sua obra gozava de imenso respaldo e popularidade. Foi Freyre quem animou a literatura regionalista a retratar como daninha a decadência do patriarcado e o abandono de velhos costumes, assim como a cultivarem uma imagem lírica da escravidão,

ocultando seu aspecto cruento, reconciliando o presente com este passado vergonhoso do país e da região. Eles tendem a enfatizar o caráter arbitrário do mundo burguês, a exploração do assalariamento, em nome da valorização dessa sociedade patriarcal e escravista (ALBUQUERQUE JR, 1999, p. 123).

Internacionalmente, seu apelo também era forte. *Brazil: an interpretation* (1944) é um livro direcionado especialmente ao grande público estrangeiro, e neste texto – talvez mais do que em qualquer de seus ensaios anteriores - Freyre defende de forma veemente a ausência de racismo no Brasil, a superioridade da democracia étnica e social sobre a "meramente política" e o tratamento supostamente brando que os portugueses

dispensavam aos africanos. Foi o projeto UNESCO – do qual Freyre tomou parte, mas que não liderou – que começou a colocar em xeque justamente estas teses, expondo todas as dicotomias e conflitos que cindiam a aparentemente harmônica sociedade brasileira (MAIO, 2012). É justamente quando os modelos explicativos de Freyre começam a perder espaço que ele recorre a Alencar e, posteriormente, por meio de suas seminovelas, à própria literatura. Pereira afirma que, ao perder a luta na arena política, Alencar recorre à literatura e, “por meio de romances como o tronco do ipê ele continuaria a desenhar os contornos de uma nação sustentada no respeito ao passado e a tradição”, buscando representar “um ideal – capaz de agir sobre o presente não pela exposição de suas verdades e vícios, mas pela definição poética de um modelo pintado em sua perfeição” (PEREIRA, 2009, p. 285). É bastante curioso como Gilberto Freyre faz exatamente o mesmo ao perder a luta na arena intelectual. As seminovelas estão impregnadas de sugestões, veladas ou não, que remetem aos mesmos ideais cultivados por Alencar. Em *Dona Sinhá*, fica explicado ao leitor que Paulo Tavares é um “gradualista” que via precipitação por parte do próprio Nabuco, e que achava que “não só a lavoura, mas o país inteiro estava sofrendo com a lei chamada Aurea” (FREYRE, 1964, p. 128). É importante mencionar que Paulo é um personagem fortemente identificado com o próprio Freyre, como reiteram diversos analistas das seminovelas, e como o texto das mesmas deixa implicado (COUTINHO, 1983). Em *O outro amor*, Paulo reitera que “a abolição arruinou escravos mal preparados para serem livres” (FREYRE, 1977, p. 59). Ao mesmo tempo em que manifesta tais opiniões sob o disfarce conspícuo de Paulo Tavares, Freyre também cria, nas duas seminovelas, personagens cujas trajetórias de vida confirmam todo o discurso sobre a “doçura” no trato entre senhores e escravos no Brasil: Inácia, em *Dona Sinhá*, a mucama que serve como “mãe preta” do menino José Maria. Escrava, inácia é representada como “pessoa da família”. Mas é em *O outro amor* que a ideia ganha ainda mais relevo na história de Rosa e Gabriel: Ambos são escravos domésticos dos

Barões de Itaingá, acompanhando-os em seu exílio em Paris. Descobre-se, entretanto, que ambos são também filhos bastardos do Barão. Este, por sua vez, provê os dois com um tratamento repleto de privilégios, e lembra-se deles em seu testamento. Ao fim e ao cabo Rosa amiga-se com Paulo, após este ter se tornado viúvo da filha legítima do Barão. Desfilam pelas páginas das seminovelas, portanto, além de numerosas referências explícitas a Alencar, exemplos semelhantes a estes, reveladores de uma crença firme na necessidade de vínculos de subordinação para a manutenção e realização da sociedade brasileira; uma sociedade singular, cujas projeções lembram o

esforço de Freyre de desmontagem de certo “complexo de inferioridade”, graças ao qual se perpetuava a imagem de um Brasil claudicante rumo à civilização. Por esse novo olhar, não seríamos mera manifestação distante e imperfeita da civilização anglo-saxônica; ao invés disso, a “primeira civilização moderna nos trópicos” seria uma realização distintamente acabada além de, em inúmeros aspectos, um modelo a ser admirado – e, guardadas as suas irreduzíveis e irreprodutíveis especificidades, tomado como referência por outras sociedades (TAVOLARO, 2013, p. 295).

Tanto Alencar quanto Freyre demonstravam grande otimismo em relação à civilização brasileira, a ponto de considerá-la, de fato, um modelo no qual o mundo “moderno” deveria se espelhar. É bastante intrigante que ambos tenham idealizado os aspectos mais retrógrados, obscurantistas e arcaicos de nossa sociedade, considerando-os como o trunfo que poderia dar à América Portuguesa sua oportunidade de fazer uma valiosa contribuição ao gênero humano. Mesmo o escândalo da escravidão pareceu a eles algo de que se vangloriar. Os sérios problemas de desenvolvimento, distribuição de renda e precarização do trabalho que o Brasil sempre enfrentou – e que vem se agravando conforme o trem da modernidade avança – podem muito bem ter suas raízes buscadas em nossa “singularidade tropical”, que os dois românticos tanto exaltaram. Também deve-se prestar atenção, como alerta Moema Selma D’Andrea, no fato de que, para tais

autores e seus discípulos, apenas o legado colonial deve ser exaltado como “genuinamente brasileiro”, enquanto tudo o quanto veio posteriormente é rejeitado sob o rótulo de estrangeirice alienígena, que invade e corrompe os costumes (D'ANDREA, 1994). Um olhar seletivo sobre o passado e sobre os elementos formadores de um pretenso *ethos* nacional.

A modernidade e seus influxos cindem as obras de Alencar e Freyre, transformando ambos em ensaístas quando se vêem compelidos a refletir sobre ela, ou sobre sua materialização maior: a cidade. Embora dela tentem se refugiar no bucolismo e na idealização de um passado arcaicamente rural, a ela sempre retornam, para maldizê-la, investiga-la, ou se maravilhar com ela. Não devemos deixar de lembrar que o romantismo é filho da cidade e consequência direta do mundo burguês (SODRÉ, 1964).

Considerações finais

O ensaio é um modo de discursos complexo, de fronteiras indistintas, que Freyre soube articular com a literatura e a autobiografia. Em suas obras literárias, a escrita ensaística se dirige para os temas abrangentes da cidade e da modernidade, com o recorte temporal do século XIX. Perpassando tudo está a questão étnico-racial, obsessão permanente de Freyre. Como comentador da modernidade, notamos que Freyre segue a tradição de Walter Benjamin de mergulhar em profundas descrições de metrópoles, afim de compreender o fenômeno da modernidade, valorizando a habitação humana como pedra angular para o estudo dos fenômenos sociais.

Já como romancista, Freyre se coloca num diálogo direto e bastante esclarecedor com José de Alencar, primeiramente no uso que faz da literatura: servindo-se dela como ferramenta para reavivar um debate já perdido na esfera político-intelectual. Além disto, os temas escolhidos serão semelhantes, e as opiniões acerca de tópicos-chave como urbanização, trabalho escravo versus trabalho livre e o papel da mulher na sociedade serão

coincidentes, senão absolutamente iguais. Isto sem dúvida atesta a presença, no Brasil, de uma tradição de pensamento profundamente enraizada e muito bem estruturada em nossas elites intelectuais.

Com sua literatura imbuída de discurso ensaístico, Freyre busca não apenas repetir e reforçar o que já fora dito em seus ensaios anteriores - especialmente *Sobrados e mucambos* - em que questões como uma suposta boa vida dos cativos ou mobilidade social do mestiço são defendidas à exaustão; ele busca também persuadir o leitor da validade dos pontos de vista de um José de Alencar que escrevia as mesmas coisas cem anos antes. Em Freyre, porém, tais pontos de vista parecem bem mais difíceis de se admitir, não apenas devido a sua maior proximidade com nossa época - uma época que vem buscando expurgar a ideia de "democracia racial" das instituições - , mas também devido ao fato de que seus raciocínios parecem passar ao largo de dinâmicas elementares das relações entre centro e periferia.

REFERÊNCIAS

Documentos

FREYRE, Gilberto. **O outro amor do Dr. Paulo**: seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. **Dona Sinhá e o Filho Padre**: seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

Demais estudos de Gilberto Freyre

FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. **Arte, ciência e trópico**. São Paulo: Martins, 1962.

_____. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. **Casa-Grande & senzala.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Como e porque sou e não sou sociólogo.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.

_____. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

_____. **Homem, cultura e trópico.** Recife: imprensa universitária, 1962.

_____. **Ordem e progresso.** São Paulo: Global 2004.

_____. **O luso e o trópico.** São Paulo: realizações, 2010.

_____. **Reinterpretando José de Alencar.** Rio de Janeiro: Departamento de imprensa nacional, 1955.

_____. **Prefácios desgarrados.** Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: INL, 1978. (ed. Edson Nery da Fonseca)

_____. **Sobrados e mucambos.** São Paulo: Global, 2004.

_____. **Tempo morto e outros tempos:** trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

Literatura

ALENCAR, José de. **Cinco minutos; a Viuvinha.** São Paulo: Ática, 1975.

_____. **O tronco do ipê.** Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1871.

Bibliografia geral

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massananga, 1999.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). **Textos de Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: EDUSP, 1994.

COUTINHO, Edilberto. **A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

D'ANDREA, Moema Selma. **A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra (Org.). **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre, entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, EDUSP, 2006.

FAÇANHA, Dayana. **Política e escravidão em O tronco do ipê, de José de Alencar: o surgimento de Sênio e os debates em torno da emancipação, 1870-1871**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

LEAL, Cesar. A imagem visual na expressão literária de Gilberto Freyre. In: FONSECA, Edson Nery. **Três histórias mais ou menos inventadas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

LEENHARDT, Jacques. A construção cosmográfica de uma paisagem social. In: DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra (Org.). **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre, entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, EDUSP, 2006.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. São Paulo: Ática, 2015.

MESQUITA, Gustavo. **Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade**. São Paulo: Global, 2018.

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história:** a viagem, a memória, o ensaio: sobre *Casa-grande & senzala* e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PEREIRA, Leonardo A. de M. A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do Império. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs). **O Brasil Imperial** (vol. III): 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 273-312.

BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico:** entre Dom Quixote e Alonso El Bueno. São Paulo: Edusc, 2003.

Artigos

CRISTOVÃO, Fernando Alves. A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica. **Ciência & Trópico**, Recife, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/362>. Acesso em: 3 set. 2018.

BENSE, Max. **O ensaio e sua prosa.** Tradução de TITAN JR., Max. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/?fbclid=IwAR0WfBAbMNwkXcGXf87ujgJioLEGtzHHDAd2-QPrWWbyrcOi0h88y7fJkv8>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MAIO, Marcos Chor. O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil nos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, 1999, p. 141-158.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre: a cidade como personagem. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-159, 2012.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 69-100, 2000.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio?. **Remate de Males**, Campinas, v. 31, 2011.

TAVOLARO, Sérgio B. F. Gilberto Freyre e nossa “modernidade tropical”: entre a originalidade e o desvio. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 33, 2013.